

ENCONTRO ENTRE TEATRO E MÚSICA NA SALA DE AULA

Maria Neide Batista de Oliveira¹
Vanéssia Gomes dos Santos²
Marcos Paulo Miranda Leão dos Santos³

INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre o papel da imitação/mímeses corpórea no aprendizado da Música e do Teatro. Os preceitos de Boal (2006), Ferracini (2006), de Brito (2003) e de Swanwick (2003) serviram como norteadores da pesquisa. A partir destes autores, entendemos que imitação e mímeses corpórea podem articular de forma mais completas as atividades aplicadas por professores de artes na sala de aula. Assim sendo, estudos sobre o tema são extremamente necessários nos dias presentes.

Como objetivo geral, buscou-se a resposta do seguinte problema: Qual o papel da imitação/mímeses corpórea no ensino de Música e Teatro? Outras perguntas foram relacionadas aos objetivos específicos, como: Em que momento a imitação pode ser utilizada na educação básica? Existe diferença entre imitação e mímeses corpórea? Quais os cuidados que o professor deve ter para não utilizar a imitação como mero instrumento de adestramento?

Como ponto de partida metodológico foi realizada uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de definir a imitação/mímeses corpórea e investigar como ela já é utilizada em sala de aula. Após essa primeira etapa, foi realizado o procedimento da pesquisa de campo em que o exercício floresta de sons (BOAL, 2006) foi colocado em prática com estudantes de faixa etária heterogênea.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa de campo foi realizada no dia 14 de setembro de 2019, em um colégio particular da cidade de Fortaleza, no estado do Ceará com alunos do grupo de teatro extracurricular. Os alunos matriculados no grupo estão cursando 4º, 5º, 6º, 7º e 8º ano, totalizando 8 participantes, com idade entre 9 e 14 anos. Essa turma tem aula de teatro uma vez por semana aos sábados com duração de 4 horas, por encontro, durante o ano curricular.

Tendo em vista o objetivo da pesquisa, foi aplicado o exercício floresta de sons, descrito da seguinte forma por Augusto Boal (2006):

O grupo se divide em duplas: um parceiro será o cego, e o outro será o guia. Esse emite sons de um animal- gato, cachorro, passarinho, ou qualquer outro-, enquanto seu parceiro escuta com atenção. Então os cegos fecham os olhos, e os guias, ao mesmo tempo, começam a fazer seus sons, que devem ser seguidos pelos cegos. Quando o guia para de fazer o sons, o cego também deve parar. O guia é responsável pela segurança do parceiro (cego) e deve parar de fazer sons se seu cego estiver

¹ Graduanda em Licenciatura em Teatro pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). Aluna de Especialização em Arte-Educação com ênfase em Teatro pela Faculdade Vale do Jaguaribe (FVJ). Professora de Educação Musical e Teatro para crianças, neide.ufc@gmail.com;

² Bacharel em Ciências Sociais (UECE). Especialização em Gestão e Políticas Culturais (Universidade de Girona - Espanha / Observatório Itaú Cultural - Brasil). Mestre em Artes (IFCE), vanessiagomes@gmail.com;

³ Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), marcos.santos@ifce.edu.br

prestes a esbarrar em outro, ou bater em algum objeto. O guia deve mudar constantemente de posição. Se o cego for bom, se segue os sons com facilidade, o guia deve-se manter o mais distante possível, com a voz quase inaudível. O cego deve se concentrar somente no seu som, mesmo se ao seu lado estiverem vários outros. O exercício tem como objetivo despertar a função seletiva da audição. (BOAL, 2006, p.155)

A mediadora-professora que aplicou o exercício começou a atividade com um alongamento e em seguida com um jogo de aquecimento chamado *sim vamos!* Esse jogo é executado para deixar os alunos disponíveis para as propostas dos colegas. Os alunos começam a andar pelo espaço. Em seguida, um dá um comando de imitar com o corpo algo como: alguém, animal e etc. Prontamente, os outros alunos respondem: sim vamos! Logo após, realizam a ação sugerida. No passo seguinte, o grupo foi convidado a experimentar o exercício: floresta de sons. A turma foi dividida em duplas e explicado a todos qual seria o procedimento para sua realização. Depois, foi definido quem iria ser o cego e quem iria ser a pessoa que emite o som. Cada cego escutou o som do seu parceiro para memorizar. A princípio o exercício estava programado para ser em 2 etapas, contudo, a disponibilidade dos alunos estava acima do esperado, e este passou a ter 4 etapas.

A primeira etapa consistiu em escolher uma dupla para exemplificar o exercício, e as demais a observavam. O cego fechava seus olhos, cruzava os braços na frente do peito para se proteger. O aluno que iria fazer o som se posicionava longe do cego e emite o som. Ficou combinado que quando o autor do som desejasse que o cego parasse de andar, ele pararia sua emissão. Os participantes sugeriram ainda, para incrementar a ação do cego, que eles emitiram o som, e de acordo com o ritmo que fosse sugerido seus pares, deveriam dar o ritmo do andar. Por exemplo: se o guia quisesse que o cego andasse mais devagar, ele emitiria o som mais devagar. Mas se quisesse que o cego andasse mais rápido ele emitiria o som de forma mais célere.

Na segunda etapa todas as duplas, ao mesmo tempo, executaram a atividade. Cada cego teve que encontrar seu parceiro em meio aos sons das outras duplas, e com a intervenção da mediadora-professora, que emitiu sons com instrumentos musicais e outros materiais.

A terceira etapa foi proposta em forma de desafio fora da sala de aula. Apenas um aluno foi o cego e o outro foi a pessoa responsável de emitir o som que ele deveria seguir. Enquanto sua ação acontecia os outros participantes tinham que atrapalhar a escuta do cego, fazendo sons diversos. O objetivo era fazer com o que o cego chegasse a um determinado local da escola, já no espaço aberto, apenas sendo guiado pelo som do seu colega, enquanto os outros interferiam com os seus sons. A turma escolheu previamente o local para onde o cego deveria ser guiado, sem esse saber.

A quarta e última etapa do exercício foi retornar para sala em trios. Cada trio tinha dois guias e um cego. Essa etapa foi criada no momento final da terceira etapa. Ao retornarem para a sala, cada aluno foi falar o que sentiu na experiência do exercício.

DESENVOLVIMENTO

Partindo do exercício floresta de sons, do arsenal de jogos e exercícios do método do teatro do oprimido vamos estabelecer um estudo sobre os conceitos que nele se correlacionam de teatro e música. Os elementos que atravessam a floresta de sons serão observados a partir da aplicação junto a um grupo de crianças. Nossa busca é aproximar o olhar sobre os elementos de teatro e música que compõe o exercício na busca por explorar ao máximo a compreensão de como esses campos se relacionam em conjunto.

Imitação ou mímese?

Tendo como ponto de partida o conceito de mímese corpórea desenvolvido pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais - LUME - Unicamp em suas pesquisas e práticas. Entendemos que este conceito estrutura a construção de matrizes que irão estabelecer elos entre as dimensões físicas e vocais, na busca por trazer a organicidade do atuante no exercício criativo. Ferracini (2006) nos diz:

Mímese corpórea é uma metodologia que permite ao ator ampliar o seu repertório de ações físicas e vocais por meio da observação e imitação de corporeidades e dinâmicas vocais do cotidiano. Posteriormente, estas ações são codificadas, teatralizadas e transpostas para a cena. (FERRACINI, 2006, p. 256)

Entendemos que esta ampliação se dá ainda ao construirmos pontes entre as sensações internas provocadas pelos impulsionadores externos, que são dados pelo condutor durante o exercício, e a tomada de consciência de suas ações por cada participante que integra o exercício. Na execução deste exercício temos as sonoridades de elementos compreendidos como da natureza, e busca-se a relação com o companheiro em cada dupla. Vemos o percurso dos atuadores no exercício criando tecidos cênicos a partir de impulsos físicos e vocais.

A Imitação na Educação Ativa

Brito (2003) diz que a imitação na música é reprodução de um trecho musical tendo como base um modelo sonoro. Ou seja, segundo a autora, a imitação é a tentativa da repetição de um som escutado previamente. Repetição essa que pode ser literal ou pode conter pequenas variações sonoras.

Educadores musicais de renome (SWANWICK, 2003; BRITO, 2003) fazem relação do aprendizado musical com a aprendizagem da linguagem materna. Tenramente a criança começa a escutar as primeiras palavras e a tentar reproduzi-las vocalmente para só após começarem as tentativas de leitura e escrita. O Ensino da Música então deve seguir estes mesmos estágios. Sendo assim, a imitação é um estágio do aprendizado musical que não pode ser suprimido. Brito (2003, p. 46) nos diz que “um trabalho pedagógico-musical deve se realizar em contextos educativos que entendam a música como processo contínuo de construção, que envolve perceber, sentir, experimentar, imitar, criar e refletir”.

Apesar de ser um estágio obrigatório no aprendizado de qualquer linguagem, Brito (*ibidem*) alerta para o perigo de o professor utilizar-se da imitação como instrumento de adestramento musical visando meramente uma apresentação escolar. Segundo ela, esse tipo de comportamento docente é resquício da antiga educação tradicional brasileira: “os cantos (ou ‘musiquinhas’, como muitos ainda insistem em dizer) eram quase sempre acompanhados de gestos e movimentos que, pela repetição, tornavam-se mecânicos e estereotipados...” (BRITO,

2003, p.51). Esse tipo de ensino mecanizado seria um empecilho ao desenvolvimento de uma expressão artística satisfatória.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O exercício floresta de sons foi aplicado pelo período de 45 minutos de aula. A discussão teve duração de 30 minutos. Cada aluno relatou o que sentiu quando estava no papel do cego e quando estava no papel do guia. A análise a seguir foi dividida em duas áreas: física e sensorial.

O aluno 1 relatou que na 1ª etapa do jogo, ao estar no papel do cego, ficou preocupado em não esbarrar na parede. Relatou que foi mais fácil ir até o seu guia, pois não teve muita interferência. Já na 2ª etapa, ele explicou que teve que se concentrar mais e selecionar o que estava ouvindo, pois as barreiras sonoras do espaço estavam atrapalhando. Na 3ª etapa, o aluno foi da equipe que tentava atrapalhar o cego. Nesse momento, o mesmo disse que foi mais difícil, pois cansava logo. Já na 4ª etapa, o aluno foi o cego e percebeu que sua noção de espaço ficou dilatada, ou seja, por mais que conhecesse o colégio, ele achava que tinha caminhado pouco. Descobriu outros sons do colégio e da rua.

O aluno 2 foi o guia na 1ª etapa do jogo. Segundo o mesmo essa etapa foi uma descoberta e uma responsabilidade, pois tinha que cuidar e orientar seu colega para que ele não tropeçasse ou esbarrasse na parede. Descobriu que o seu som tinha variantes e foi descobrindo formas de se comunicar com o seu parceiro através da intensidade do som. Na 2ª etapa, ele continuou sendo o guia e sentiu dificuldade em se concentrar no próprio som emitido. Ora se confundia e tinha que focar sua atenção para não dispersar seu colega. Na 3ª etapa, o aluno foi do grupo dos que atrapalhavam o cego. Nesse momento ele descobriu que poderia usar o mesmo som do guia para mudar a rota do cego. Nesse momento ele conseguiu fazer com que o cego parasse. Na 4ª etapa, o aluno foi um dos guias. Aqui ele descobriu métodos de comunicação para proteger o colega. Resolveu ficar do lado do cego e o outro colega guia do outro lado. Quando o cego precisasse ir mais para a direita, o guia da direita emitia mais forte o seu som. E quando os guias quisesse que o cego fosse mais para esquerda, o guia da esquerda emitia seu som mais forte.

Segundo o aluno 3, a 1ª etapa do jogo o possibilitou escutar mais. Relatou que para ele esta foi a parte fácil do jogo. A 2ª etapa do jogo o deixou confuso e desorientado, precisando de mais esforço para encontrar seu colega. Na 3ª etapa, ele foi o responsável em guiar o cego até o local externo do colégio. Segundo o mesmo, essa foi a parte mais difícil de toda a atividade, pois não estava conseguindo se ouvir e se concentrar devido ao barulho externo. Mas que com a repetição ele conseguiu isolar o som que estava fazendo e dar continuidade. Já na 4ª etapa do jogo, o aluno foi o cego. Segundo seu relato, ele queria se desafiar, desobedecendo ao comando dos guias e tentando chegar mais rápido ao local final. Ele disse que gostou muito do jogo, pois o permitiu explorar o sentido de ouvir.

O aluno 4 foi o cego na 1ª etapa. Aqui ele descobriu uma forma de andar cuidadosa e disse que teve que confiar no seu colega. Já na 2ª etapa, ele disse que se confundiu com a quantidade de sons e teve que se concentrar ao máximo para encontrar o seu guia. Na 3ª etapa, o aluno 4 foi o cego que estava sendo guiado para o local externo. Segundo o mesmo, esse foi um dos momentos mais diferentes que já teve. Pois a vontade de abrir o olho, e ver quem emitia o som, o fez pensar que o olhar e o ouvir estão intimamente ligados. Porém, ele se

sentiu frustrado por ter aberto os olhos antes de chegar ao ponto final. Já na 4ª etapa, o aluno guiou o seu colega que o tinha guiado. Aqui ele sentiu a responsabilidade de cuidar tão bem de seu colega como e foi cuidado, porém, informou que seu parceiro não obedecia aos seus comandos, querendo caminhar mais rápido e de forma estranha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício revelou e estimulou nas crianças diversos aspectos que devem ser ressaltados nessa pesquisa. O cuidado com o outro foi uma das falas mais recorrentes, uma vez que o cuidado é também empatia. Dessa forma, o jogo despertou nos alunos a ação de se colocar no lugar do outro. Partindo desse ponto, pode-se criar uma discussão em sala de aula sobre o bullying, homofobia, intolerância religiosa ou qualquer outro tipo de aversão à diversidade.

É possível também desenvolver o tema da confiança, uma vez que os alunos tinham que estar de olhos fechados sem nada para cobri-los. Dessa forma, foi observado que estimular que os participantes sigam os comandos, por mais que o desejo naquele momento fosse olhar, foi um estímulo positivo.

A imitação de sons, em suas diversidades, é considerada, nesse jogo como um aporte para o desenvolvimento e análise da escuta. Uma vez que cada criança percebe os sons de modos diferentes. Um estudante de um bairro nobre, por exemplo, ao escutar a sirene de uma viatura policial, pode se sentir seguro. Ao passo que, um aluno que mora na periferia pode sentir medo ao ouvir o mesmo som. Assim, percebe-se que o exercício a floresta de sons, unido conceitos de música e teatro, pode conduzir o professor-mediador a criar discussões pertinentes nas diversas disciplinas de sala de aula.

Palavras-chave: Teatro do Oprimido; Imitação; Mímeses Corpórea; Educação, Arte, Música.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Jogos para Atores e Não-atores**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BRITO, Teca Alencar de Brito. **Música na Educação Infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

FERRACINI, Renato. **A Mímeses Corpórea**. Disponível em:
<<http://www.grupomoitara.com.br/intercambios/artigos/renato-ferracini-a-mimesis-corporea-marco-de-2003/>>. Acesso em 13 de setembro 2019.

_____. **Café com Queijo**: Corpos em Criação. São Paulo. Editora Hucitec, 2006.

SWANWICK, Keith. **Ensinando Música Musicalmente**. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.